

Rio, assim como Boston, reúne gestor de longo prazo

Ana Paula Ragazzi | Do Rio
19/05/2011

Pedro Rudge, sócio da Leblon Equities: valorização ao longo do tempo
Enquanto o coração do mercado financeiro migrou para São Paulo, o Rio de Janeiro consolidou uma indústria local de gestores, com perfil conhecido como "investimento em valor", que preza a análise chamada "fundamentalista".

Esses profissionais passam meses estudando a companhia até decidir pelo investimento, após identificar que o valor de mercado está abaixo do que consideram o preço justo. Após o investimento, o pensamento é de longo prazo. Os gestores acompanham os rumos da companhia para verificar se os preços irão coincidir com o que estabeleceram como alvo. Nesse sentido, o sobe-e-desce diário das cotações não tem tanta relevância.

"São Paulo ficou com o burburinho do mercado, como Wall Street, em Nova York", diz José Eduardo Louzada de Araujo, diretor da gestora GAP. "O Rio concentrou gestores e se assemelha à praça financeira americana que hoje está em Boston", diz.

Esses gestores fogem do comportamento de manada dos mercados. Elsen Carvalho, sócio da Investidor Profissional (IP), afirma que maré não importa. "Se o mercado derrubar as cotações e os analistas estiverem convictos de que o investimento é bom e a ação sofre com movimentos pontuais, a avaliação é que o momento é de comprar mais", diz.

Por outro lado, destaca Pedro Rudge, sócio da Leblon Equities, se a ação dispara em um pregão, não necessariamente indica a hora do "desinvestimento".

"Quando investimos, é porque calculamos que a ação tem um potencial de alta de 20% a 30%. É muito raro a ação subir nessa proporção em um dia", diz. "Essa valorização se dá ao longo do tempo", diz.

Entre as gestoras cariocas, a mais tradicional é a Dynamo, fundada no início dos anos 90 por profissionais que trabalharam no mercado financeiro americano e trouxeram a filosofia para cá. A prática é a de manter análise permanente, e muito criteriosa, de mais da metade das empresas da bolsa, ainda que não sejam alvos de investimento. Se as cotações caírem e transformarem-se em oportunidades, a tomada de decisão é mais rápida.

Além dela, são citadas como pioneiras IP e Polo Capital - todas mantiveram suas raízes na cidade. Regis Abreu, sócio da também tradicional Mercatto, acredita que o modelo de negócios também pode explicar a resistência de alguns: "Quem foi para São Paulo foi trabalhar como funcionário nos grandes bancos. Quem ficou aqui trabalha com sócios em negócios próprios", diz.

Profissionais que passaram por essas gestoras já abriram outras casas com o mesmo perfil. E alguns profissionais cariocas, que foram trabalhar em São Paulo, nos últimos anos têm retornado para abrir fundos locais.

"Quem teve de migrar junto com o mercado para São Paulo e conseguiu fazer dinheiro, está agora voltando para o Rio", conta José Luiz Osorio, sócio da Jardim Botânico Investimentos. A análise é compartilhada pela maioria dos gestores que divertem-se dizendo que a concentração desse perfil no Rio não tem explicação muito elaborada, além do desejo de voltar à cidade maravilhosa.

As casas estão concentradas no Leblon, e algumas no centro, perto das mais belas paisagens da cidade. A qualidade de vida tem sido a principal razão para estar no Rio, ainda mais em tempos de sensação de que a violência está mais controlada. Os salários são mais baixos do que em São Paulo, mas muitos aceitam ganhar menos para estar na cidade.

Marcos Duarte, sócio da Polo Capital, destaca que o Rio sempre teve boas escolas que formaram profissionais para o mercado - PUC, Instituto Militar de Engenharia (IME), Ibmecc, UFRJ.

"Com o esvaziamento do Rio em termos de indústria, os engenheiros passaram a ter o mercado financeiro como principal opção de trabalho", diz. "A cada ano muitos bons profissionais se formam para abastecer a indústria dos assets por aqui. "

Diante da quantidade de gestoras, cada uma tem buscado diferenciais. O maior trabalho dos fundos é estar atualizado sobre as informações da empresa. É ter certeza que o primeiro entendimento, a decisão de investimento, foi correta. Como o grande foco de trabalho é a análise é por aí que tentam cada vez mais se especializar.

"Antes de investir, não conversamos apenas com a empresa. Falamos com concorrentes, ex-funcionários, especialistas no setor e qualquer pessoa que acreditarmos que, naquele caso, poderá nos ajudar a ter mais informações", diz Bruno Barreto Machado, sócio da IP. A gestora hoje conta com uma secretária que auxilia os analistas a marcar os encontros e também a encontrar fontes de informação.

No caso da Studio Investimentos, que tem pouco mais de um ano de vida, os relacionamentos são apontados como um diferencial. Foi de lá que Murilo Pinto de Oliveira Ferreira saiu para ocupar a presidência da Vale.

Quem continuou na Studio foi

Gabriel Stoliar, que por 11 anos foi diretor executivo da mineradora. Stoliar destaca que tem muito conhecimento e muitos conhecidos no setor.

"Não se trata de obter nenhum tipo de informação privilegiada, mas de saber com quem conversar ou onde buscar as informações", diz. A Studio também conta com profissionais vindos da ARX, que se aliou à BNY Mellon.

Pedro Sauer cuida das relações com investidores e com Gloria Serra, que responde pela área comercial. Os executivos da Studio ressaltam um ponto que também é comum a

todas essas gestoras. O dinheiro dos sócios está aplicado nos fundos, juntamente com os recursos dos cotistas. Ou seja, o comprometimento com a melhor gestão é total.

Essas administradoras de recursos acabam criando forte aproximação com as companhias e com uma frequência cada vez maior, têm sido chamadas pelos dirigentes para ajudar em decisões estratégicas.

Nesses casos, acabam ficando impedidos de negociar com as ações por alguns períodos.

A maioria das gestoras também opta por eleger conselheiros nas companhias, como destaca Ricardo Magalhães, sócio da Argucia. A intenção ao eleger conselheiros é agregar visão diferente à administração ou de se certificar que as estratégias estão sendo cumpridas. Se destacarem integrantes das próprias gestoras, ficam novamente com restrições às negociações com ações.

A maioria tem optado por indicar especialistas que entram no conselhos assumindo um compromisso com as empresas.

Normalmente, não há predileções por empresas maiores ou menores - mas estas acabam concentrando atenções por estarem fora do radar da maioria.